

Ronaldo Mathias

Bibliografia Comentada: Ficção, Comunicação e Mídias

Resumo

O presente texto oferece comentários críticos sobre o livro *Ficção, Comunicação e Mídias*, da pesquisadora, entrevistada nesta edição, Maria Cristina Costa.

A mediação ficcional

“A ficção não se opõe à realidade dos fatos nem à sua objetividade, apenas a apresenta a partir da subjetividade que a vivência.” É na trama diária das relações tecidas com a alteridade que produzimos e re-produzimos dialogicamente o real, reconstruindo, num ato de interlocução constante, nossas identidades em processos de negociação de sentidos mediados pela ficção. A partir dessas idéias, Cristina Costa, em *Ficção, Comunicação e Mídias*, publica uma importante reflexão sobre as práticas comunicacionais mediadas pela ficção e pela técnica.

A fala da ficção se interpõe como o principal veio condutor das investigações de Costa para compreender as transformações comunicacionais e tecnológicas operadas em espaços públicos desde a época da publicação dos primeiros folhetins à contemporaneidade instantânea do mundo digital. A partir de questionamentos tais como “Qual a diferença entre ficção, ficcionalidade e simulação? Como se estabelece o contato intersubjetivo apoiado na interatividade? Como se reconhecem, hoje, os limites entre enunciados declaratórios e ficcionais?” a autora empreende uma abordagem não menos inovadora que intrigante sobre um tema que conta já com algumas dezenas de publicações acadêmicas, e mercadológicas, tanto exclusivamente teóricas quanto plenamente empíricas sobre o campo

da comunicação. Eis o desafio e a contribuição de “Ficção, comunicação e mídias”, reelaborar o mesmo sem se perder nas imediações fundadoras do pensamento acadêmico comunicacional.

A reflexão proposta recobre o interesse tanto daquele que pouco conhece os estudos da crítica e da recepção da comunicação em contextos mediados pela oralidade e pela técnica quanto do especialista da área, através de uma linguagem acessível porém não menos comprometida com a pesquisa acadêmica. O livro é resultado dos questionamentos surgidos da pesquisa “As formas narrativas em mídias eletrônicas” realizada entre 1998 e 2001 da qual faz parte a criação do site www.eca.usp.br/narrativas.

Das narrativas míticas à indústria cultural

O capítulo *Ficção e Cultura de Massa* analisa qual significado da ficção na constituição de uma cultura mercantil, urbana e plebéia na modernidade. Partindo das narrativas das *Mil e Uma Noites*, Cristina levanta um inventário ficcional do patrimônio narrativo da humanidade e correlaciona seu papel como a base para a constituição das identidades individuais e coletivas. Para tanto, retoma Propp para explicar o aparecimento das narrativas que destituídas da sacralidade mítica, passam a ser objeto de apreciação estética e se filia àqueles que as correlacionam - os contos maravilhosos - à consolidação das nações republicanas européias a partir do século XIX. O fortalecimento dos estados-nacionais vai ser assegurado pela presença nascente de uma indústria cultural que se apoia nos recursos narrativos dos contos,

Ronaldo Mathias é doutorando em Ciências da Comunicação pela ECA - USP e professor da Faculdade de Belas Artes de São Paulo



transpostos em narrativas melodramáticas folhetinescas de grande sucesso. Com isso, “Instala-se assim um conflito jamais resolvido entre indústria cultural e produção artística: vende bem porque é bom ou porque é ruim? O sucesso comercial e a produção industrial comprometem necessariamente o valor de uma obra?”

A atualização constante das tecnologias comunicacionais reveste o cenário da modernidade criando e enraizando interfaces entre as esferas políticas, econômicas e culturais num jogo de troca de significados estimulado pelos novos hábitos de consumo midiático, anteriormente deflagrados pelo melodrama nos folhetins e agora mais presentes nas radionovelas e nos romances cinematográficos. No capítulo “I Era Midiática - A ficção audiovisual” Costa explica, entre outras coisas, a corrente perda da hegemonia do código escrito frente à processos de incorporação da imagem e do som, como o rádio, o cinema e a televisão, à comunicação midiaticizada.

Essa nova linguagem, marca da sociedade de massa, se estabelece ampliando a noção de tempo e espaço revelando novas sensibilidades e um imaginário comum que começa a ser compartilhado por um público heterogêneo quanto à idade, sexo e classe. “O distanciamento de espectadores e ouvintes em relação à realidade objetiva, a capacidade das mídias de propor experiências de segunda mão, a sensorialidade da linguagem audiovisual e as estratégias de convencimento dos meios de comunicação vão desenvolvendo uma ampla e irrestrita ficcionalidade”.

Ouvintes, leitores e usuários - a ficção nas tecnologias digitais

Sem o objetivo de questionar as artimanhas político-ideológicas mantenedoras da exclusão social e promotoras do distanciamento, em sociedades como as latino-americanas, entre as tecnologias digitais e a grande maioria que não tem acesso à rede, a

última parte, “II Era Midiática - A ficção digital”, discute os rumos da ficção na era digital. Uma questão interessante levantada é o progressivo desaparecimento, na comunicação digital, da figura do mediador.

A possibilidade maior de interação entre os usuários, a ruptura da hegemonia da grade horária tão cara à comunicação de massa e as possibilidades de diferentes usos dessas tecnologias, tanto para trabalho quanto para lazer, torna desnecessária, senão impossível, a presença do jornalista ou apresentador. “Como controlar sua vida e seu comportamento, sem o domínio imprescindível de seu tempo?” Nada mais é obstáculo ao free flow das informações.

Outro ponto ainda lembrado pela autora, é a importância do código escrito agora interligado a novas sensorialidades antes abandonadas. “Pelo que se vê, os meios digitais, ao contrário do que se pensava, não desestimularam o uso do texto escrito. Ao contrário, elevam-no a uma condição de importância que havia perdido como desenvolvimento das mídias audiovisuais. E mais, promovem sua integração com a imagem de forma mais decisiva do que na imprensa”. A linguagem escrita, assumida majoritariamente pela não convencionalidade, é a principal forma de comunicação entre os *savoir-faire* conectados. Idioma, estilo, vocabulário e assunto identificam as comunidades virtuais, lembra Cristina.

Neste universo de viver juntos mas separados, qual o espaço para as narrativas ficcionais de Sheherazade? A comunicação dialógica não-presencial da cibercultura pode representar uma redução do poder da ficção? Cristina Costa é objetiva ao afirmar que “As narrativas ficcionais que acompanham a humanidade há tantos séculos também migrarão para os novos meios e serão adaptadas, transcritas, traduzidas, transmutadas, mas certamente conseguirão ainda encantar serpentes e domar sultões.”